

## Tempo e Poesia em José Manuel Mendes \* Vítor Aguiar e Silva

Para sossego e alívio do meu auditório, começo por dizer que não vou “proferir uma conferência”, temível expressão aureolada de autoridade e solene pompa, com etimológicos fios semânticos de ordem religiosa, judicial, académica, político-diplomática, contabilística...

Esta é a hora dos amigos, dos leitores e dos admiradores de José Manuel Mendes. Este é o tempo da eflorescência dos afectos, este é o tempo vibrante e puro do voo da cotovia e não o tempo vespéral e pardacento dos mochos, mesmo que de hegeliana e baudelairiana memória, recolhidos nas suas atitudes hieráticas e nos seus monótonos pios...

Aqui venho, como singelo leitor da poesia de José Manuel Mendes, que não como mocho universitário, partilhar com os que me escutam as emoções, as perguntas e as respostas, as expectativas e os horizontes de sentido, da minha microleitura de *Prelúdio de Outono*, o livro que o Conselho Cultural da Universidade do Minho editou em homenagem ao Poeta.

Há alguns anos, ao propor um esboço hermeneúutico de *Presságios do Sul*, assinali a importância da vivência e da ressonância ontológica e gnoseológica

---

\* Intervenção na sessão de homenagem a José Manuel Mendes, promovida pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho no dia 15 de Outubro de 1998.

do tempo na poesia lírica de José Manuel Mendes. Agora, ao ler *Prelúdio de Outono*, obra que, formal e semanticamente, inscrevo na esfera da lírica, considerando para o efeito irrelevantes as distinções técnicas entre o verso e a prosa e colocando entre parênteses um ou dois textos que, em meu juízo, são excrescentes ou dissonantes na sua macro-estrutura textual, agora mais clara e profundamente entendi a centralidade do tempo na mundividência e no discurso poético de José Manuel Mendes.

Sabemos, desde a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, que a função e o significado do tempo na lírica são muito diferentes da função e do significado do tempo na narrativa e no drama. A lírica não representa uma história no fluir do tempo, a lírica não narra a transformação de personagens numa viagem existencial, a lírica não exprime a violência e a lógica implacável dos conflitos humanos numa acção que se desenvolve, atinge o seu clímax e finda catastroficamente numa temporalidade concentrada.

O tempo, porém, inscreve-se na raiz, nos interstícios e nas pétalas da poesia lírica ocidental, desde os elegíacos gregos, como a dimensão ontológica da fragilidade e da precariedade humanas. Há cerca de vinte e sete séculos, assim o disse, com perturbante melancolia e perene beleza, Mimnermo, segundo o famoso fragmento 2 Diehl:

“Quais as folhas criadas pela estação florida da primavera,  
quando de súbito crescem sob os raios do sol,  
assim somos nós: por um tempo de nada, nos deleita  
a flor da juventude, sem conhecermos o mal ou o bem que vêm  
dos deuses. Ao lado estão as Keres tenebrosas,  
uma, detentora da velhice medonha,  
a outra, da morte. Pouco dura o fruto da juventude  
– o tempo de o sol derramar a sua luz sobre a terra”

(trad. de Maria Helena da Rocha Pereira)

Toda a poesia lírica ocidental, desde Mimnermo até hoje, modula elegiacamente este sentimento, esta dor e esta angústia da finitude e da precariedade do homem como ser destinado à morte. Toda a grande poesia lírica ocidental,

de Ovídio a Petrarca, de Garcilaso e Camões a Pessoa e a Rilke, de Góngora a Baudelaire e a Borges, é a poesia da melancolia, a poesia de uma falta ontológica originária, a poesia da dissipação irremediável do ser e a poesia do anseio de exorcismar esse vazio, essa miséria e esse horror.

*Prelúdio de Outono* é um título temático, poderíamos dizer que é uma matriz temática que os textos dele dependentes convocam, modulam, aprofundam e prolongam. *Prelúdio* é uma palavra da linguagem da música que possui um explícito significado temporal, como indica o prefixo de *prae-ludium*: o que existe *antes* do acto de tocar, *antes* do acto de representar. O prelúdio é a curta peça musical que serve de introdução a outra obra musical, mas o seu sentido figurado – o que anuncia e precede algo – remonta, nas várias línguas europeias, há muitos séculos. Estes textos são, assim o diz o título, configurando liminarmente o horizonte de expectativas do leitor, um anúncio do Outono, metáfora por excelência, desde o Romantismo, de tudo quanto perde cor e vigor, de tudo quanto esmorece, definha e estiola, nos sonhos, no coração, no olhar e no corpo do homem.

Os significados temporais deste título temático são matizados também temporalmente pelo subtítulo: *Ritmos e luas*. *Rhythmus* significa em latim “movimento, batimento regular, medida, cadência” e deriva do verbo grego *rhein*, que significa correr, fluir. O conceito de ritmo pressupõe o conceito de tempo, quer se trate do ritmo respiratório, quer do ritmo cardíaco, quer do ritmo do andar, quer do ritmo do verso, quer do ritmo da música. O plural *luas* remete igualmente o leitor para a semântica da temporalidade, para as ideias de períodos, de sucessão de fases, de influências astrais sucessivas ou intermitentes.

Este *limen* do título anuncia ao leitor um discurso poético memorial: rememoração e invocação do que foi, do que se foi, do fulgor e do êxtase dissipados, da beleza, da festa e da alegria de outrora. E esse discurso memorial, vazado nos tempos verbais do pretérito, existe em *Prelúdio de Outono*, como exemplifica o poema *vital*:

E fomos o astro ao fim da noite  
 A vertigem o rio esse  
 Tumulto  
 De aromas pássaros canções

À memória daremos sempre

A casa em festa

Mesmo se pedimos hoje

Uma outra flor

Um barco

Um barco para atravessar

O nevoeiro

Este discurso memorial toma belíssima e insólita forma elegíaca no pranto, no espanto e na revolta pela morte de Fernando Assis Pacheco; ganha respiração épica e jubilatória na revisitação da tarde revolucionária de 25 de Abril; torna-se autobiográfico e intimista na evocação carinhosa do professor Dr. Carrington, professor do Liceu Sá de Miranda, e na lembrança das aventuras do leitor quando jovem no jardim das delícias, dos frutos proibidos e dos ingénuos devaneios sentimentais que foi a Biblioteca Pública de Braga; assume uma admirável expressão de profundíssima e serena saudade na nótula diarística consagrada ao pai: “Pai, não esqueci. É o dia de celebrar-te o nascimento. Acendo uma vela de feno na memória, beijo-te o rosto e digo: Longos anos de eternidade feliz”.

O próprio tópico poético e retórico do *ubi sunt?*, manifestação multissecular e sempre nova da poesia e da meditação memoriais, nasce do olhar que pousa sobre uma velha e esmaecida fotografia de gente anónima: “A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro?”

*Ubi sunt?* Onde estão? A voragem do tempo... *Fugit irreparabile tempus...* Ah!, Jorge Manrique de *Recuerde el alma dormida*, François Villon da *Ballade des Dames du temps jadis*, Camões de *Sôbolos rios que vão*, tantos outros poetas das rosas, das açucenas, dos afectos, dos risos e dos bens perdidos...

Os garotos do Parque da Ponte, esses garotos de Braga imobilizados há sessenta e seis anos numa anónima fotografia, entraram na iconografia do tópico do *ubi sunt?* na literatura portuguesa graças ao sortilégio do discurso memorial de José Manuel Mendes.

Logo, porém, no primeiro poema de *Prelúdio de Outono*, eu, leitor, encontrei na letra, no corpo do texto, um facto gramatical, discursivo e estilístico que iludia e denegava, pelo menos em parte, o horizonte de expectativas gerado pelo título e que, numa perspectiva hermenêutica desconstrutivista, entra em conflito, aparente pelo menos, com a peregrinação que, em muitas páginas desta obra, o autor efectua “por entre os claustros que são pretérito irrecusável”. Com efeito, o poema intitulado *quando um pássaro vier* está saturado de formas verbais do futuro:

“descerás ao anoitecer  
talvez sob um ramo de lua  
ou a serpente alada  
do silêncio

Observarás o fogo e as sombras  
A brancura do medo  
escurecendo

os primeiros olhos além da arena  
a imobilidade o espectro a vertigem

tocarás a terra num volejo  
entre metal e arpa  
a terra  
a terra tocarás

e quando um pássaro vier  
cingir o sangue a rosa  
ao tempo chamarás memória

em redor cristais apenas ervas  
caligrafias de água”

A partir da leitura deste primeiro poema, comecei a anotar cuidadosamente as ocorrências do tempo futuro nos textos de *Prelúdio de Outono*.

São legião. Veja-se o poema *mostar*, veja-se a *Balada de Beja*, veja-se *Se vier, chama-se utopia*, veja-se *Movimento para a luz...* O próprio pranto pela morte de Fernando Assis Pacheco se conclui com duas formas verbais do futuro que constituem um elemento nuclear da semântica da elegia: *como havemos / de amar serenamente se nos faltares // outra vez à hora da ternura, do sarcasmo, / tão desertos de cais e húmus, tão desertos? / virás do outro lado da porta. Devagar e a cada cicatriz / um brilho de salinas doarás.*

E a tensa, comovida e tão delicadamente admirativa carta endereçada, *post mortem*, a Miguel Torga, com a data real de 3 de Janeiro de 1996 e a data simbólica de 2007, Agosto, 12 – ano, mês e dia em que se há-de perfazer o centenário do nascimento do genial Poeta de *Orfeu Rebelde* -, intitula-se *A harpa do futuro*.

Esta presença reiterativa, por vezes de modo ostensivo, outras vezes em disseminações subtis e como que furtivas, dos tempos verbais do futuro em textos de *Prelúdio de Outono* revela-nos outra face de Cronos, outra vivência e outra vivência do tempo, outro anseio e outro projecto de vida, individual e colectivo, para além “dos claustros que são pretérito irrecusável”. O futuro é também, ambígua e plurivocamente, o tempo verbal do desejo, das invocações e das aspirações secretas, dos sonhos que não-de fecundar e transformar a realidade, das parábolas, das profecias e das alegorias que reinventam os dias e os trabalhos, os desafios, os anseios, as vitórias, as lutas e os sofrimentos dos homens.

Todavia, no quadro desta semântica, o futuro é um tempo verbal afectado pela incerteza e pela contingência, um tempo verbal que reflecte e traduz a fragilidade dos desejos, a labilidade dos sonhos e dos projectos que exprime. Os futuros da poesia de José Manuel Mendes, porém, deixam luminescer – tipo de verbo incoativo tão caro ao poeta – a esperança de que é possível exorcismar a “estrela inadiável” que “tornou maior o pretérito da sombra”, contraditam o desesperado e rouco canto de que *avec le temps / tout s'en va*, entremostam a possibilidade de reencontrar “o estuário onde o tempo se

renovará, lugar de utopia e recomeço” e de viajar em rios primordiais, “em busca da primeira manhã do tempo”.

Sob as ruínas do próprio tempo, sob os desastres e as assolações da história, sob as sombras e os fantasmas da memória, o tempo pode ser sempre “um tempo nunca começado”. E, assim, na catedral dos pretéritos irrecusáveis, pode fulgir um novo, inédito e sortílego vitral. E só assim a terra se tornará habitável, só assim o ar se tornará respirável e só assim os trabalhos e os dias dos homens ganharão sentido.

Esse vitral pode ter muitos nomes, nele poderão esplender as figuras e as cores de muitos e diversos sonhos, de muitas e diversas crenças. Só é necessário que o vitral, metáfora do sonho, da criatividade, da utopia e da generosidade dos homens, não fique sob a custódia de qualquer grande inquisidor e, ainda menos, de qualquer pequeno inquisidor.

Como leitor, como homem e como cidadão, para quem a poesia não é um ludismo, um luxo ou uma velharia, aqui lhe quero dizer, José Manuel Mendes, com todo o afecto e toda a admiração: obrigado pelos seus futuros!